

Obras de misericórdia:

Reaprender a gramática elementar da caridade

«Apenas disto, nós terrestres, temos necessidade: de acreditar que o amor que vivemos, o amor partilhado com aqueles que amámos e que amamos (...) é um amor que permanece, que contém qualquer coisa da Eternidade, um amor que nos permite dizer no presente e no futuro: *Eu amo, mesmo quando o outro que eu amo, já não está.*» (Enzo Bianchi)

Este pensamento de Enzo Bianchi, proferido no domingo de Páscoa de 2011, atravessa toda a obra de Luciano Manicardi, *A caridade dá que fazer.*

Falar das obras de misericórdia, como se propõe o Autor deste livro é procurar tornar visível e palpável as diferentes declinações da caridade, vertendo esse dinamismo interior, que é o amor, em gestos, atitudes e obras, de resposta às situações de sofrimento humano, de modo a que fique claro que a caridade não é um mero sentimento, uma aspiração vaga e etérea, uma opção facultativa, mas antes um modo de os seres humanos habitarem o mundo e de humanizarem as relações entre os seus habitantes e os seus projetos de organização da economia e da sociedade.

Esta mensagem, portanto, muito antes de ter ressoado numa profissão de fé ou numa igreja, ressoou desde a criação no coração de cada homem. E o lugar onde, ainda hoje e sempre, ressoa esta mensagem é a humanidade do homem criado à imagem de Deus, é o rosto do outro homem, rosto que é a única visibilidade do Deus invisível: «*Viste o teu irmão, viste o teu Deus.*». Essa mensagem está inscrita no profundo do coração de cada um, no desejo de cada um.

Nestes tempos difíceis, recordar a tradição das obras de misericórdia significa apreender a caridade como arte do encontro, como arte da relação, como arte de viver, mas significa sobretudo novo impulso de humanidade, para não permitir que o cinismo, a barbárie e a indiferença levem a melhor.

Algumas frases bíblicas:

- O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão. Então, a tua luz surgirá como a aurora, e as tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se! (Is.58,6-8)

- Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso! (Lc.6,36)

- Vai e faz tu também o mesmo (Lc.10,37)

- Prefiro a misericórdia ao sacrifício (Mt.12,7)

- Como Eu vos amei, amai-vos uns aos outros (Jo.13,34)

- Não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade (I Jo.3,18)

- O Rei dirá, então, aos da sua direita: 'Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.' Então, os justos vão responder-lhe: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos visitar-te?' E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: 'Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.' (Mt.25,34-40)

- Textos do cristianismo primitivo (Orígenes, Santo Agostinho, Gregóri Magno, Cesário de Arles) aprofundam esta dimensão e falam também das obras de misericórdia espirituais. No século XII a lista é definitiva:

As sete obras de misericórdia corporais: 1. Dar de comer a quem tem fome 2. Dar de beber a quem tem sede 3. Vestir os nus 4. Dar pousada aos peregrinos 5. Visitar os enfermos 6. Visitar os presos 7. Enterrar os mortos.

As sete obras de misericórdia espirituais: 1. Dar bons conselhos 2. Ensinar os ignorantes 3. Corrigir os que erram 4. Consolar os tristes 5. Perdoar as injúrias 6. Suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo 7. Rezar a Deus por vivos e defuntos.

Dar de comer a quem tem fome

SOBRE A FOME: “Dai-nos hoje o nosso pão de cada dia” (Mt.6,11)

Pedir o pão a Deus implica assumir a responsabilidade por quem não tem pão. Deus dá o pão ao homem através do home: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mc.6,37). Comer é mais do que encher a barriga: preparar a mesa, preparar o alimento, comer com os outros...partilhar a mesa da criação inteira... Jesus sentiu a mordedela da fome (Mt.4,2; Mc.11,2), foi servido à mesa e comeu o alimento que outros preparam para ele. A alimentação é um direito universal (artigo 25 da Declaração dos Direitos Humanos).

Bento XVI, Encíclica social *Caritas in Veritate* (A Caridade na verdade)

27. Em muitos países pobres, continua — com risco de aumentar — uma insegurança extrema de vida, que deriva da carência de alimentação: *a fome* ceifa ainda inúmeras vítimas entre os muitos Lázarus, a quem não é permitido — como esperara Paulo VI — sentar-se à mesa do rico avarento.

Dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do seu Fundador, o Senhor Jesus.

Além disso, eliminar a fome no mundo tornou-se, na era da globalização, também um objectivo a alcançar para preservar a paz e a subsistência da terra.

A fome não depende tanto de uma escassez material, como sobretudo da escassez de recursos sociais, o mais importante dos quais é de natureza institucional; isto é, falta **um sistema de instituições económicas que seja capaz de garantir um acesso regular e adequado, do ponto de vista nutricional, à alimentação e à água** e também de enfrentar as carências relacionadas com as necessidades primárias e com a emergência de reais e verdadeiras crises alimentares provocadas por causas naturais ou pela irresponsabilidade política nacional e internacional.

O problema da insegurança alimentar há-de ser enfrentado numa perspectiva a longo prazo, eliminando as causas estruturais que o provocam e promovendo o desenvolvimento agrícola dos países mais pobres por meio de investimentos em infra-estruturas rurais, sistemas de irrigação, transportes, organização dos mercados, formação e difusão de técnicas agrícolas

apropriadas, isto é, capazes de utilizar o melhor possível os recursos humanos, naturais e socioeconómicos mais acessíveis a nível local, para garantir a sua manutenção a longo prazo.

Os direitos à alimentação e à água revestem um papel importante para a consecução de outros direitos, a começar pelo direito primário à vida. Por isso, é necessária a maturação duma consciência solidária que considere a *alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações.*

Conclusão: Se a distribuição dos alimentos fosse equitativa, todos tínhamos de comer...

Dar de beber a quem tem sede

SOBRE A SEDE: *“E quem der de beber a um destes pequeninos, ainda que seja somente um copo de água fresca, por ser meu discípulo, em verdade vos digo: não perderá a sua recompensa” (Mt.10,42)*

O drama e a tortura da sede, bem conhecidos na Bíblia. Israel e toda a zona do médio oriente conhece o deserto e a sede, a falta de água e o encontro à volta dos poços. Dar de beber às pessoas e animais é um dever sagrado. Jesus passou fome e sede. Pediu água à samaritana. «Tenho sede» é um dos seus gritos na cruz. A água está a tornar-se o «ouro azul», um bem precioso que desencadeia interesses e suscita a corrida ao açambarcamento. “Se as guerras do século XX foram travadas pelo petróleo, as do século XXI terão por objecto a água”...

Bento XVI, Encíclica social Caritas in Veritate, (A Caridade na verdade)

51. O açambarcamento dos recursos, especialmente da água, pode provocar graves conflitos entre as populações envolvidas. Um acordo pacífico sobre o uso dos recursos pode salvaguardar a natureza e, simultaneamente, o bem-estar das sociedades interessadas. *A Igreja sente o seu peso de responsabilidade pela criação e deve fazer valer esta responsabilidade também em público. Ao fazê-lo, não tem apenas de defender a terra, a água e o ar como dons da criação que pertencem a todos, mas deve sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo.*

A concluir: Uma profecia, um compromisso: **«Nunca mais passarão fome nem sede» (Ap.7,16)**